

Duelo Principal adversário de Putin morreu na cadeia. Resta saber se este fim terá papel galvanizador ou desmotivante para a resistência ao ditador

Maria Raquel Freire

Professora de Relações Internacionais, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra



Sandra Fernandes

Professora de Ciência Política na Universidade do Minho

A MORTE DE ALEXEI NAVALNY MUDA ALGUMA COISA NA RÚSSIA?

SIM Alexei Navalny era a face da oposição na Rússia. A sua morte representa, de algum modo, o fim desta. Apesar de controverso em algumas das ideias que defendia, a coragem que Navalny mostrou perante o regime repressivo garantiu o seu reconhecimento como figura incontornável. A sua capacidade de comunicação e mobilização permitiu que a sua mensagem não só chegasse às elites em Moscovo e São Petersburgo como circulasse por todo o país e, mais ainda, com o poder de mobilizar os mais jovens. O desaparecimento de Navalny incarna o objetivo de silenciamento da oposição, contudo, a sua mensagem de esperança na transformação da Rússia não desaparece.

A eliminação de vozes contrárias ao regime não é novidade na Rússia, como as sucessivas desqualificações de processos eleitorais, incluindo a de Navalny nas presidenciais de 2018, e já este ano de Boris Nadezhdin, a tentativa de envenenamento de Navalny em 2020, ou as mortes de figuras de oposição ao regime, como Anna Politkovskaya, que cobriu extensivamente as guerras na Chechénia, Alexander Litvinenko que falava do ‘estado mafioso’, ou — mais recentemente, em 2015 — Boris Nemtsov, político que criticava a intervenção militar russa na Ucrânia.

O contexto assim o diz: nenhuma possibilidade de alternativa, ainda que remota, é considerada ou tolerada na Rússia de Putin. O contexto eleitoral em que este silenciamento se dá, com as presidenciais agendadas para 15 a 17 de março, deixa bem clara a mensagem de que não há alternativa ao regime no poder. Evitar interferências no processo é parte da estratégia: uma semana antes da sua morte, Navalny apelara a mais um protesto, ao voto no último dia destas eleições às 12h, “ao meio-dia contra Putin”. Apesar de confinado numa prisão no Ártico, a mensagem de Navalny ecoava bem além das paredes frias da sua cela.

As redes sociais são os veículos preferenciais para a exposição dos abusos do regime, em plataformas como o YouTube e o Telegram. Em agosto de 2020, Navalny conseguiu até a confirmação da tentativa de assassinio por envenenamento quando voava de Tomsk para Moscovo. Ainda antes, em 2017, o documentário que expôs a corrupção do regime tornou-se viral e permitiu a organização de manifestações em mais de 100 cidades por toda a Rússia nesse ano. Esta forma de comunicação, apesar das inúmeras barreiras tecnológicas, já foi descrita como a “casa da oposição” e aproximou Navalny da população. Num regime que se diz ter passado da “ditadura do medo” à “ditadura do terror”, quando mesmo a deposição de uma flor junto a um memorial pode significar detenção, a morte do símbolo da oposição visa silenciar a mesma. Neste contexto adverso, a oposição na Rússia tem de se reinventar, perceber como manter a unidade e dar continuidade ao projeto que Navalny incarnou como a sua missão.

NÃO As demonstrações de luto pela morte do “prisioneiro pessoal” de Putin na Rússia restringem-se à colocação de flores na rua. Esta simples homenagem é, em si, um grande risco pessoal, e as flores, logo que colocadas, são retiradas pelas autoridades. Na Federação Russa atual, como na antiga União Soviética, a eliminação dos “agentes do estrangeiro” é levada a cabo com a máxima violência, porque são equivalentes a traidores. O mais provável é que o corpo de Navalny não seja entregue à família. O regime perverso instrumentaliza qualquer direito e dignidade *post mortem* do preso político. Além de nos questionarmos sobre o que o cadáver poderia revelar (torturas durante os três anos de detenção e a verdadeira causa da morte), o sinal é claro e conclusivo para qualquer opositor.

A viúva e a filha de Navalny não têm medo. São mulheres fortes que, a partir de fora, não vão abandonar a luta pelos ideais defendidos para que o martírio não tenha sido em vão. É provável que sobrevivam a Putin, mas Navalny foi sendo irremediavelmente apagado do espaço público russo pelo regime, até no sentido literal. O ditador será reeleito no próximo mês de março e irá manter o monopólio dos destinos do país.

Hoje ninguém se consegue definir como opositor na Rússia, muito fruto da intensificação da repressão desde o início da guerra na Ucrânia. Qualquer opositor russo em território nacional é considerado apoiado pelo estrangeiro. Os que estão fora são ainda mais estigmatizados como traidores. Neste momento, o julgamento de Oleg Orlov ou o tratamento dado a Vladimir Kara-Murza na prisão confirmam o controlo político-securitário do país, assim como a verdade única que justifica o imperialismo bélico do país.

A Rússia funciona em economia de guerra e preparou-se, a montante, para resistir a qualquer pressão ocidental, inclusive às sanções políticas e económicas. Desde 2020, goza de autonomia agrícola e alimentar e uma reforma constitucional profunda alargou a capacidade do Kremlin de definir o “mundo russo”.

Os recentes alertas lançados pelas autoridades russas contra individualidades europeias por “insulto à história” decorrem desta reforma. Kaja Kallas, primeira-ministra da Estónia, tornou-se o primeiro chefe de Governo procurado pela polícia russa. Enquanto os líderes políticos e as opiniões públicas se comovem com o fatídico destino de Navalny, Moscovo arroga-se um direito de escrutínio em territórios outrora sob a sua jurisdição.

É preciso ter coragem sobre-humana para se opor a Putin. Navalny tinha-a, tendo-se tornado um mártir para grande parte do mundo. Mas isso não chega para que algo possa mudar no país. Apenas a História poderá dizer de que forma o seu legado contribuiu para uma “Rússia sem Putin”, que defendia desde 2011. Sem perspetivas sobre se e quando essa Rússia imaginada poderá surgir, imperam, de forma entrosada, a censura e a desinformação.

A oposição na Rússia tem de se reinventar, perceber como manter a unidade

O ditador será reeleito no próximo mês de março e irá manter o monopólio dos destinos do país